



Mídia-educação: interface contributiva para o ensino-aprendizagem¹

Zeneida Alves de Assumpção²
Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

Resumo

Nesse artigo buscou-se discutir a interface comunicação-educação e o uso das mídias na sala de aula. Através da radioescola, jornal escolar e vídeojornal escolar, os alunos puderam analisar criticamente o papel dos meios de comunicação de massa na atual sociedade. A radioescola, o jornal escolar e o vídeojornal escolar fizeram parte do projeto de extensão: “Pedagogia da comunicação, mídias e ensino: o uso delas na escola”, encerrado em 2010. Participaram dessa proposta, em forma de rodízio, estudantes e professores do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante (Ponta Grossa/Paraná) e, acadêmicos de Jornalismo (bolsistas e voluntários), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Utilizou-se a pesquisa-ação, à luz de Michel Thiollent.

Palavras-chave: Mídia-Educação; Proposta Extensionista; Radioweb-UEPG.

Introdução

“Pedagogia da Comunicação, mídias e ensino: o uso delas na escola” foi uma das propostas extensionistas desenvolvidas junto aos professores, gestores e estudantes do ensino fundamental, médio e integrado (profissionalizante) do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres, localizado no município de Ponta Grossa, no Paraná. A proposta buscou incentivar os docentes sobre o uso das mídias na sala de aula, como instrumentos interdisciplinares nas diversas áreas de conhecimento. Priorizou-se, então, a capacitação deles. O projeto cumpriu três fases importantes. Na primeira (2007-2008) trabalhou-se com professores e estudantes, a teoria e prática da rádio (convencional, *on-line* e *web*). Segunda (2009/2010) buscou-se a instalação de uma radioescola, em circuito fechado (nas dependências do referido Colégio), um dos interesses da comunidade escolar. A terceira e última fase foi direcionada às questões teóricas e práticas da construção (pelos alunos) de jornal escolar e vídeojornal escolar. Acredita-se, ao aliar pedagogicamente a radioescola, jornal escolar e vídeojornal escolar, será mais fácil ao educando, exercitar a cidadania, responsabilidade e

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces comunicacionais (Comunicação e Educação) do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PARANÁ), e-mail: zassumpcao@gmail.com



compreender a realidade. Além, de preparar-se para um aprendizado eficaz às diversas áreas do conhecimento sistematizado. Assim, o estudante poderá compreender e ler com olhos críticos as novas tecnologias da comunicação.

Para o desenvolvimento dessa proposta optou-se pelo método pesquisa-ação, à luz de Michel Thiollent. No decorrer de 2007 a 2010 (realização e conclusão dessa proposta) realizaram-se mini-cursos, palestras, debates, discussões e oficinas com docentes e alunos. Os colegiais participaram ativamente dos conhecimentos teóricos e práticos sobre radiodifusão sonora, nos estúdios da Radioweb-UEPG. Em 2008-2009, os docentes receberam, juntamente com os alunos, o mesmo conteúdo e prática. Sucedendo-se, igualmente, durante o ano letivo de 2009-2010, quando ocorreu o encerramento do projeto. Dessa forma, professores e alunos aprenderam a dominar a locução e os saberes sobre linguagem, discurso e rotinas produtivas do rádio. Os colegiais gravaram e editaram debates, notícias, reportagens, dramaturgia, poesias e outros formatos. A maioria da produção dos participantes foi veiculada pela Radioweb-UEPG. Os alunos realizaram ainda pesquisa sobre a história da fundação do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres, as quais fundamentaram notícias e reportagens especiais para a radioescola, jornal escolar e vídeojornal escolar sobre os “50 Anos de Fundação do Colégio”.

Desenvolvimento

A proposta contemplou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs - 1998)³. Desde o início ao término dessa proposta educacional, trabalhou-se com a interface mídia-educação no espaço escolar de forma contextualizada para que o aluno pudesse construir a crítica social dele. Assinala-se, num primeiro momento, a participação (como produtores) dos professores e alunos do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres na Radioweb-UEPG. No segundo, a instalação de uma radioescola em circuito fechado, no referido Colégio. Terceiro e último momento, a construção (pelos e para os alunos) de programas para a Radioweb-UEPG, jornal escolar e vídeojornal escolar. Nessa questão,

³ Os Parâmetros curriculares determinam à escola, a inclusão da iniciação tecnológica e o desenvolvimento de critério para análise crítica dos meios de comunicação social, a partir da educação fundamental. Essa realidade aparece nos “Objetivos do Ensino Fundamental”, quando menciona: “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” e no tema: “Trabalho e consumo: conteúdos de trabalho e consumo para terceiros e quarto ciclos – consumo, meios de comunicação de massas, publicidade e vendas”, 1998.



primou-se pelo desenvolvimento de habilidades e competências dos participantes sobre pesquisa de temas diversos, produção de textos nas linguagens midiáticas (jornal, rádio e vídeojornal). Puderam compreender também, como as mídias constroem e imprimem a realidade. Nesse aspecto, a atuação deles na Radioweb-UEPG foi relevante. Outro momento importante foi à capacitação dos professores. Assim os professores poderão orientar a produção radiofônica dos estudantes junto à radioescola, bem como, coordenar a construção de novos jornais e vídeojornais escolares. A produção realizada pelos estudantes poderá ser utilizada no ensino-aprendizagem, como objeto de discussão e debate junto à classe. Cabem os ensinamentos do pesquisador José Manuel Moran:

Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldades em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. A aquisição da informação dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los (1997, p.109-228).

Nesse sentido, é preciso não se esquecer da mediação cultura da escola com a cultura midiática, imprescindível no processo ensino-aprendizagem com as mídias. Sabe-se que na sociedade da informação a cultura da escola continua vigente. Ela faz parte da realidade e do contexto da escola. Ela “exige” o cumprimento de normas e legislação, projetos políticos pedagógicos, ementas/currículos, avaliação. A escola segue uma ritualização para a construção e/ou transmissão da cultura e do conhecimento sistematizado. Nesse aspecto, Jean-Claude Forquin destaca, a escola possui “características de vida próprias, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos” (1993, p. 167). A opinião dele é a mesma do professor e pesquisador da Universidade Federal do Paraná (Brasil) Ângelo Ricardo de Souza:

A cultura da escola mostra que a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e razão construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições, que se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não (<http://www.rioei.org/deloslectores.516souza.PDF> - acesso, em 29 de julho de 2010).

Nesse contexto, a proposta “Pedagogia da comunicação, mídia e ensino: o uso delas na



escola” buscou trabalhar conjuntamente a cultura da escola com a cultura midiática. O que não poderia ser diferente, pois a escola convive também com a cultura midiática. Seus sujeitos (professores, gestores, funcionários e alunos) fazem parte da sociedade da informação, da qual a cultura midiática está presente diuturnamente. Sem essa mediação teria sido impossível a operacionalização dessa proposta junto ao Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres. Dezenas de estudantes e professores (períodos: manhã e tarde, em forma de rodízio) foram receptivos a essa proposta durante os três anos de seu funcionamento. Desde o início, a escola demonstrou interesse com a comunicação-educação, aceitando de bom grado nossas três sugestões. Primeiramente, a participação dos estudantes como sujeitos ativos da Radioweb-UEPG. A segunda, instalação de uma radioescola no referido Colégio. A terceira e última (concomitantemente, com a radioescola), a produção de jornal escolar e vídeojornal escolar realizada pelos colegiais. Cabe aqui, mais uma vez, a opinião de Moram:

A escola precisa exercitar as novas linguagens, que sensibilizam e motivam os alunos, e também combinar pesquisas escritas com trabalhos de dramatização, de entrevista gravada, propondo formatos atuais como um programa de rádio, uma reportagem para um jornal, um vídeo, onde for possível. A motivação dos alunos aumenta significativamente quando realizam pesquisas, onde se possam expressar em formatos e códigos mais próximos da sua sensibilidade. Mesmo uma pesquisa escrita, se o aluno puder utilizar o computador, adquire nova dimensão embora, fundamentalmente, não mude a proposta inicial. A escola pode utilizar o vídeo como um novo projeto dos alunos de contar o seu dia-a-dia, criando um vídeojornal. [...] o vídeo pode servir para documentar eventos importantes, estudos do meio, que serão utilizados como registro e como informação para as novas turmas (1993, p. 187).

Assim, as mídias ao adentrarem no espaço escolar, poderão ser utilizadas também pelo professor como mais uma das ferramentas de ensino interdisciplinar, dialógica, democrática e promotora de educação, cultura e cidadania.

A contextualização sobre a linguagem e discurso da radiodifusão sonora, jornal e vídeo permeou essa proposta educacional desde o seu início. Buscaram-se então, atividades e discussões com os participantes do Projeto sobre os artefatos midiáticos que contemplassem essa questão. Com a audiência de rádios convencionais, *on-line* e radiowebs, os alunos puderam compreender a linguagem e o discurso radiofônicos. Da mesma forma aconteceu com o jornal escolar e o vídeojornal escolar. Após, a compreensão dessas linguagens e discursos, os colegiais tiveram a oportunidade de pesquisar temas variados e produzir seus próprios programas radiofônicos, nos gêneros e formatos da preferência deles. Aprenderam inclusive, a editar os programas,



escolhendo os efeitos conforme a vontade e gosto deles. Alguns programas foram veiculados pela Radioweb-UEPG, os quais se encontram no site dessa rádio. Os alunos-participantes atuaram como sujeitos e emissores ativos da construção da programação radiofônica e na construção do jornal escolar e do videojornal escolar. Nesse aspecto, os estudantes trocaram também saberes sobre a instalação do estúdio e técnica da radioescola. Aprenderam e apreenderam as teorias e práticas sobre a mídia radiofônica por meio de mini-cursos, palestras, seminários, discussões, debates e oficinas. Nesses encontros compreenderam também como funcionam as rotinas produtivas, o fazer jornalístico e o agir comunicativo radiofônico.

Diversas tarefas educativo-culturais foram construídas por eles. Procurou-se desde então, envolver os participantes na construção de debates e outros formatos radiofônicos, visando sempre os princípios da pesquisa-ação. Assim os colegiais compreenderam como funciona a linguagem e discursos das rádios (convencional, *on-line* e *web*), mediante a análise crítica e estudos comparativos contextualizados, visando o conteúdo, o semântico e o estético, conforme nos ensina Armand Balsebre:

O semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem, transmite o primeiro nível de significação sobre o que se constitui o processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais. É a informação estética da mensagem influi mais sobre nossa sensibilidade do que sobre nosso intelecto. [...] Para a eficácia da mensagem é também necessário um equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam de forma mais completa a polissemia que abrange toda produção de significado e sua interpretação em um contexto comunicativo (apud MEDITSCH, 2005, p. 328-329).

Diante do exposto, os extensionistas puderam entender também, que os artefatos midiáticos são “mercadorias” e estão à “venda”. As empresas jornalísticas nos países ditos capitalistas visam apenas lucros. Por isso,

Ler a comunicação é desvendar a estrutura empresarial e tecnológica da comunicação e desvendar também o campo privilegiado da ideologia, pela força da persuasão e a abrangência dos meios de comunicação. Predomina a atitude de vê-los como meio de entretenimento, de lazer, de descanso e de entrar em contato com o mundo. O caráter simplificador e esquemático, típico da ideologia, é debitado, até por pessoas esclarecidas, ao caráter superficial dos meios, à premência do tempo, ao custo do espaço. O seu poder de sedução, a rapidez com que são contadas as estórias, mudados os pontos de vista (tomadas, cortes, a fluência das cores...) tudo colabora para deslumbrar, amortecer a inteligência e alimentar a sensibilidade, a intuição, afetividade, a dimensão sensorial da existência (MORAM, 1993, p. 37).



Nessa mesma linha de raciocínio cabem os ensinamentos de John B. Thompson (1995, p. 33-45), expresso numa de suas obras de relevante aporte teórico: “A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia”. Nela o autor analisa, contextualiza e nomeia cinco características para a comunicação de massa. Sendo que a primeira delas, segundo esse autor:

[...] envolve certos meios técnicos e institucionais de produção e de difusão. [...] o desenvolvimento das **indústrias da mídia**, isto é, das numerosas organizações que, desde a Idade Média até os nossos dias, têm se interessado pela exploração comercial das inovações técnicas, tornou possível a produção e difusão generalizada das formas simbólicas [...] (**grifo do autor**).

Na segunda característica, o autor comenta:

[...] implica a mercantilização de alguns impressos, como livros e panfletos [...]. Outros impressos (jornais, por exemplo) combinam este tipo de valorização com outros, como a capacidade de vender espaços de propaganda. No caso das transmissões de rádio e televisão, a venda do tempo de propaganda aos anunciantes [...]. Em outros contextos nacionais, os receptores dos programas de rádio e televisão pagam diretamente (através de uma assinatura) ou indiretamente (através dos impostos) pelo direito de receber o material transmitido [...].

Já a terceira,

estabelece uma dissociação estrutural entre a produção das formas simbólicas e a sua recepção. [...] Os bens simbólicos são produzidos em um contexto ou conjunto de contextos (as instituições que formam as indústrias da mídia) e transmitidos para receptores localizados em contextos distantes e diversos [...] e têm implicações importantes no processo de produção e recepção. No lado da produção, ela significa que o pessoal envolvido na produção e transmissão das mensagens da mídia são geralmente privados das formas diretas e contínuas do *feedback* característico da interação face a face. [...] no lado da recepção, a dissociação estrutural significa que os receptores das mensagens mediadas ficam à vontade. Podem fazer o que bem entenderem das mensagens, e o produtor não está lá para reelaborar corrigir os possíveis mal-entendidos. Ele também revela uma fundamental desigualdade entre os participantes do processo comunicativo. Os receptores são, pela própria natureza da comunicação de massa, parceiros desiguais no processo de intercâmbio simbólico [...] (**grifo do autor**).

Para Thompson, a quarta característica está relacionada à

extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. Esta característica se relaciona estreitamente com a anterior: uma vez que a mídia estabelece uma separação entre os contextos de produção e os contextos de recepção, as mensagens mediadas se tornam disponíveis em contextos os mais remotos e distantes dos contextos em que as mensagens foram originalmente produzidas. Esta ampliação da disponibilidade das mensagens mediadas é uma característica que tem conseqüências de grande alcance [...].

O autor faz uma ressalva nessa quarta característica e nos chama a atenção, alertando-nos de que “esta característica não é exclusiva da comunicação de massa”. Para ele,

todas as formas simbólicas, em virtude de serem intercambiadas entre indivíduos que não ocupam posições idênticas no espaço e no tempo, implicam um certo grau de



distanciamento espaço-temporal. Mas, com o desenvolvimento de instituições orientadas para a produção em grande escala e para a difusão generalizada de bens simbólicos, a ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se torna um fenômeno social cada vez mais significativo e penetrante. Informação e conteúdo simbólico são colocados à disposição de um número incalculável de indivíduos, em espaços cada vez mais amplos e em velocidade sempre maior. A ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se tornou tão pronunciada e rotineira, que todos a supõem como uma característica corriqueira da vida social.

Finalmente a quinta característica

implica a circulação pública das formas simbólicas. Os produtos da mídia são disponíveis, em princípio, a uma pluralidade de destinatários. Eles são produzidos em múltiplas cópias ou transmitidos para uma multiplicidade de receptores, e permanece disponíveis a quem quer que tenha os meios técnicos as habilidades e os recursos para adquiri-los [...]. A comunicação de massa se diferencia de outras formas de comunicação – como as conversas telefônicas, as teleconferências, ou as produções particulares de vídeo – que empregam os mesmos meios técnicos de fixação e transmissão, mas que são dirigidas para um indivíduo ou para um grupo bem restrito de receptores. [...] Contudo, é uma característica da comunicação de massa ficar à disposição, em princípio, de uma pluralidade de receptores – mesmo quando, por uma série de razões, estes produtos circulem apenas entre um relativamente pequeno e restrito setor da população [...].

Nesse sentido, está implícito também o discurso midiático, desenhado pelos meios de comunicação de massa. Esses meios fazem parte do cotidiano das pessoas e direcionam suas falas e opiniões. Cumprindo assim o que se denomina, agenda setting - “uma das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. [...] hipótese segundo a qual a mídia, pela disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá” (BARROS FILHO, 1999, p. 11).

Diante dessa realidade encontra-se a responsabilidade dos professores conhecerem e trabalhar na sala de aula com as linguagens midiáticas, primando pela interface mídia-educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394/96 e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) compartilharam com essa interface. Por isso determinaram às escolas brasileiras “discutir sobre o que veiculam jornais, revistas, livros, fotos, propaganda ou programas de rádio e TV trará à tona suas mensagens implícitas ou explícitas – sobre valores e papéis sociais” (PCNs, 1998, p. 38). Assim, o docente precisa estar capacitado para utilizar as mídias na sala de aula.

A rádio é, por exemplo, uma das tecnologias de fácil acesso ao professor, à escola e de grande potencial pedagógico. Essa mídia continua sendo muito aceita junto à sociedade brasileira. Ela ainda não perdeu o seu lugar mesmo com o avanço das tecnologias como a internet. A rádio já adentrou na internet, como as demais mídias convencionais. Segundo Jung (2004, p. 13) a rádio “alcança 96% do território nacional e tem a maior



cobertura entre todos os meios de comunicação, com público aproximado de 90 milhões de ouvintes”. Manassés já a defendia desde 1980, dizendo: “em se tratando de recepção, encontramos na rádio o veículo de massa de maior penetração existente entre os meios de comunicação [...] um dos mais populares” (1980, p. 33). Assim a rádio está à disposição de todas as camadas sociais e de todos os cidadãos escolarizados ou não, ricos ou pobres. Atualmente ela está à disposição da escola. O acesso dela é fácil e rápido através da internet.

A mídia radiofônica como as demais mídias apresenta também algumas deficiências, especialmente no que se refere a não-interatividade com o público. A mídia radiofônica convencional por não ter sido interativa com o público-ouvinte, foi sempre criticada pelo dramaturgo, poeta e teórico alemão Bertold Brecht. Para ele,

A rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também, pôr-se em comunicação com ele [...] (BRECHT apud MEDITSCH, 2005, p. 42).

Para Gisela Ortriwano:

[...] até hoje, a interatividade continua controlada: a participação do ouvinte é limitada a pequenas intervenções, seja por telefone, seja ao vivo. Se o gênero é o jornalismo, predominam as reclamações quanto aos serviços em geral, o testemunho sobre algum acontecimento, via telefone, fax, cartas, ou enquete/povo-fala conduzido por um repórter; emitir opiniões, a partir e somente respondendo as perguntas específicas, com respostas curtas e, pretensamente, objetivas. Se nos programas chamados comunicadores, a participação inclui responder a perguntas, geralmente envolvendo prêmios, pedidos e oferecimentos de músicas – os célebres a pedido – depoimentos sobre as mazelas do dia-a-dia, explorando ao máximo a emocionalidade de cada situação como as dramatizações de cartas, de casos, de programas policiais, etc. Com a introdução das tecnologias baseadas na informática, novas possibilidades de interação surgiram como o correio eletrônico o e-mail. Da mesma forma, o controle é sempre do emissor: nunca do receptor (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-radio-intertividade.html> - acesso, em 10 de setembro de 2001).

Entretanto, a radioescola instalada na escola em circuito fechado e/ou construída na web permitirá a interatividade tão apregoada por Brecht. Os educandos poderão atuar como sujeitos ativos da programação dela nas diversas áreas de ensino. Assim compreenderão que a linguagem e o discurso radiofônicos, como as demais linguagens midiáticas são construídas, por um sistema semiótico e devem ser debatidas e questionadas no fazer pedagógico e midiático. A radioescola, jornal escolar e vídeojornal escolar poderão promover no aluno, com a ajuda do professor, um pensar e um olhar crítico perante os demais meios de comunicação de massa. É necessário que a escola dialogue com a pluralidade de linguagens e discursos, contextualizando na sala de aula com as culturas:



escolar e midiática simultaneamente. Lembramos do pensamento de Paulo Freire (1983, p. 27-28):

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas.

No contexto exposto, a radioescola poderá como objeto de ensino, contribuir com a criticidade social do educando através da construção de

quadros que possibilitem às crianças descobrir e conhecer a sua escola e comunidade. Resgate da memória e da cultura da comunidade; ecologia; esportes; lazer; campanhas educativas; dramatização de trechos relacionados da literatura infantil; entrevistas gravadas ou ao vivo com profissionais especializados nas áreas de Saúde, Esportes, Educação, Artes e outras; crônicas; radioteatro (ASSUMPÇÃO, 1999, p. 93).

Além desses quadros, o professor poderá utilizar a radioescola nas diversas áreas de conhecimento, orientando o aluno na produção de reportagens e dramatizações sobre temas estudados na sala de aula. Por exemplo:

[...] a reportagem abrange um trabalho de pesquisa sobre um assunto específico. Pode-se, por exemplo, escolher o tema folclore por ocasião das festas juninas. Um grupo de alunos vai pesquisá-lo e coletar depoimentos na comunidade. [...] Outra maneira de abordar o mesmo tema é a dramatização por meio da integração das disciplinas do ensino fundamental [...] uma historinha sobre folclore. A professora poderá utilizar-se dessa dramatização para trabalhar ou aprofundar os conhecimentos de várias disciplinas. Propondo, simultaneamente, aos alunos a produção e escrita de histórias em quadrinhos, desenhos, linguagem verbal, gramática, resolução de problemas, além de explorar o espaço-tempo de cada cena, inter-relacionando-os com situações de Geografia e História [...] (ASSUMPÇÃO, 1999, p. 91-92).

Os alunos do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres experienciaram por meio dessa proposta extensionista, a realização de pautas, pesquisas, edição e veiculação de programas para a Radioweb-UEPG. Além de participarem como emissores e receptores efetivos dessa rádio, os alunos respaldados nessa proposta extensionista, construíram jornal escolar e o vídeojornal escolar. A participação deles perpassou pelas rotinas produtivas (construção da pauta, textos (títulos, matérias, fotografias), diagramação, edição e gravação). Em todas as etapas midiáticas (construções de programas, jornal escolar e vídeojornal escolar), os colegiais tiveram orientação e acompanhamento da coordenadora, acadêmicos de Jornalismo (bolsistas e voluntários) e dos técnicos de áudio da Radioweb-UEPG, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

Abordagem Metodológica



Acredita-se, a partir do contexto esboçado, que o método pesquisa-ação contribuiu com essa proposta de extensão por algumas razões: primeiramente porque se tencionou pela interação entre o grupo. Segundo, possibilitou a construção de conhecimentos sobre o fazer jornalístico e o agir comunicativo da rádio mediante as teorias e práticas jornalísticas, sem abafar a criatividade dos participantes. Mas, permutando saberes. Nenhum saber e/ou modelo foi imposto aos participantes. Porém, os saberes foram partilhados e compartilhados entre todos. Cumprindo assim a filosofia do método, expresso em Metodologia da Pesquisa-Ação, obra de Michel Thiollent (1988, p. 21), a qual nos ensinou: “[...] os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo”. O ensinamento do autor foi respeitado nesse projeto. Docentes, gestores, estudantes dos ensinamentos: fundamental, médio e integrado do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres; acadêmicos do Curso de Jornalismo, operadores de áudio e coordenadora do Projeto da Universidade Estadual de Ponta Grossa atuaram de forma dialética e democraticamente na edificação de conhecimentos teóricos e práticos das mídias (envolvendo a construção de programas radiofônicos, jornal escolar e videojornal escolar). Além da produção desses saberes os participantes conheceram os equipamentos para a montagem da radioescola (a função deles em circuito fechado, convencional, *on-line* e *web*) e como instalar uma radioescola (em circuito interno), nos espaços escolares. Sobre o jornal escolar aprenderam pautar, pesquisar, entrevistar, redigir, fotografar, diagramar, editar e gravar notícias e reportagens. A respeito do videojornal aprenderam manusear câmeras, microfones, produzir matérias (através de pesquisas, entrevistas) e edição final do vídeo.

Alunos e professores cumpriram carga horária de duas horas semanais durante a realização dessa proposta educacional. Os participantes envolveram-se em todas as atividades, inclusive nas diversas oficinas. Discutiram-se teorias e práticas jornalísticas e pedagógicas, instalação técnica do estúdio, equipamentos e montagem da radioescola (circuito fechado) e na *web*, nas dependências do referido Colégio.

Os conhecimentos teóricos e práticos sobre locução, utilização adequada da voz ao microfone, leitura crítica, linguagens das mídias e construções de artefatos fizeram parte dessa proposta. Elas foram realizadas nos estúdios da Radioweb-UEPG.

Reconhece-se que duas horas de duração para essas atividades do projeto, foram insuficientes, perante a gama de conhecimentos teóricos e práticos, que requer a radioescola, o jornal escolar e o videojornal escolar. Porém, esse foi o único tempo disponível para os professores interessados. Os encontros (rodízios) aconteceram



durante os horários de permanência escolar deles. Os alunos utilizaram-se dos horários contra turnos.

Mesmo assim os participantes (professores e alunos) se mostraram acessíveis à aquisição dos saberes sobre rádio, jornal e vídeo. Todos participaram ativamente das oficinas e demais atividades midiáticas. A interação dos participantes com o Projeto foi significativa. Os docentes do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres sugeriram à equipe do Projeto (início da primeira fase do Projeto - 2007 – 2008) a construção de programas-pilotos radiofônicos (para apresentarem aos alunos e colegas do Colégio que aguardavam o rodízio). A equipe acatou a solicitação e os orientou sobre produção, gravação e edição.

Com a construção de programa-piloto, os docentes aprenderam como construir um programa de rádio (pauta à edição/gravação definitiva) e como utilizar, adequadamente, a locução e sonoplastia. Além das atividades, eles participaram também do diagnóstico e análise dos equipamentos para montar a radioescola (mesa de áudio, alguns microfones, computador, gravadores). Muitos desses equipamentos o Colégio já os possuía. Percebeu-se o empenho da comunidade escolar com o Projeto. Desde o início mostraram-se entusiasmados com a implantação da radioescola (circuito interno), que ocorreu em dezembro de 2009.

Nessa perspectiva o pesquisador José Manuel Moran (1993, p. 181) destaca:

Os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa *segunda escola*, paralela à convencional. Os meios são *processos eficientes de educação informal*, porque ensinam de forma atraente e voluntária – ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente. [...] A escola também não pode pensar em imitá-los, porque nos meios predomina a função lúdica, de entretenimento, não a da organização de compreensão do mundo e das atitudes (*grifo do autor*).

Os escolares receberam também os mesmos conteúdos que foram ministrados aos professores. Eles participaram de oficinas e discutiram saberes sobre a técnica e estúdio de rádio, já que desconheciam o funcionamento de uma emissora radiofônica. Aprenderam locução - uso adequado da voz ao microfone -, leitura crítica dos meios de comunicação social, linguagem, rotinas produtivas da mídia radiofônica, edição e sonoplastia. Diante da compreensão desses ensinamentos teóricos e práticos construíram notícias e reportagens sobre temas: Obesidade, Doenças sexualmente transmissíveis (DST), Dengue e outras. Utilizaram-se do formato debate.

Um dos debates foi mediado por um casal de estudantes entre 14 e 15 anos e teve como participantes: portadores de necessidades especiais auditivas (surdos) e uma especialista



em libras. As questões dirigidas aos portadores de surdez foram decodificadas pela especialista. Outro debate realizado por eles foi sobre o tema DST , apresentado também por um casal de alunos entre 18 e 15 anos de idade. Um dos debatedores cursando o último ano do Ensino Médio e a outra estudante da oitava série do Ensino Fundamental. As questões foram dirigidas a uma profissional de Enfermagem (especialista em Saúde Coletiva). A convidada respondeu todas as questões e dúvidas dos alunos-debatedores.

Percebeu-se nesses debates radiofônicos que os alunos anseiam por assuntos voltados à saúde pública e temas que dizem respeito à faixa etária deles. Os mesmos temas, Obesidade e DST foram pesquisados e produzidos nos formatos de notícia, reportagem, debates e dramaturgia. Eles foram veiculados pela Radioweb-UEPG. Além desses assuntos, alguns estudantes preferiram construir e declamar poesias e poemas. A questão cultural chamou também a atenção deles.

As práticas de locução, uso adequado da voz ao microfone, respiração e organização de texto radiofônico foram trabalhados reiteradamente em vários encontros (oficinas 2008-2010). As oficinas e construção de programas radiofônicos-pilotos, bem como o jornal escolar e videojornal escolar fizeram parte dessa proposta extensionista.

Considerações Finais

Essa proposta foi encerrada em 2010 mediante Relatório Final apresentado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). As metas visaram e foram cumpridas com a produção de artefatos midiáticos, capacitação de professores e alunos. Todos os envolvidos no Projeto (colegiais, professores, estudantes de Jornalismo: bolsistas/voluntários e operadores de áudio) compreenderam o funcionamento do fazer jornalístico e pedagógico de uma radioweb, radioescola, jornal escolar e videojornal escolar. Os alunos tiveram a oportunidade, juntamente com acadêmicos de Jornalismo, de produzirem textos (matérias, títulos, fotografias para o jornal escolar). Da mesma forma ocorreu com a construção do videojornal escolar (gravado em DVD). Foi possível ainda, a instalação de uma radioescola nas dependências do referido Colégio, a qual foi acompanhada e orientada pela equipe do projeto.

Durante a realização das oficinas percebeu-se a dedicação dos docentes pela locução, leitura crítica, linguagem e discurso das mídias além das rotinas produtivas envolvendo



a Rádíoweb-UEPG, radioescola, jornal escolar e videojornal escolar. Os professores elaboraram e editaram programa-piloto.

Da mesma maneira ocorreu com os estudantes. Após conhecerem o funcionamento da técnica e do estúdio de rádio, dominar o microfone, locução, linguagem do rádio, edição de programas e sonoplastia (seleção de efeitos sonoros e criação de vinhetas) manifestaram grande apreço pela mídia radiofônica.

Durante os encontros (oficinas) sugeriram temas (especialmente em saúde pública). Edificaram e organizaram notícias, reportagens e debates e os apresentaram através da Radioweb-UEPG. Discutiram DST com especialista em Saúde Coletiva (profissional de Enfermagem) e Deficiência Auditiva com a tradutora em libras. Produziram e declamaram poesias e poemas, com perfeição invejável, após terem sido orientados por um acadêmico de Jornalismo, com premiação nessa área. Produziram o jornal escolar, videojornal escolar e programas para a radioescola sobre os “50 Anos de Fundação do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres”, onde estudam.

Referências

ASSUMPÇÃO, Z. A. de. **Radioescola**: uma proposta para o ensino de primeiro grau. São Paulo: Annablume, 1999.

BALSEBRE, A. “A linguagem radiofônica”. IN: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Editora Insular. Vol. I, 2005.

BARROS FILHO, C. “Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula”. In: BARZOTTO, Valdir (org.) **Mídia, Educação e Leitura**. São Paulo: Associação de Leitura do Brasil. 1999.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEEF, 1998.

FORQUIN, J.C. **Escola e cultura**. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

JUNG, M. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

MANASSÉS, B. (org.) **Tecnologia da educação**: uma introdução ao estudo dos meios. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1980.

MEDITSCH, E. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

MORAN, J. M. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast Editora, 1993.



_____ “Como utilizar a internet na educação”. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997, p. 109-228.

ORTRIWANO, G. S. **Rádio**: interatividade entre rosas e espinhos. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-rdio-interatividade.html> - acesso em 10 de setembro de 2001.

SOUZA, R. A. “A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira”. **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653) <http://www.rioei.org.deloslectores/516souza.PDF>. Acesso em 29 de julho de 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo. Cortez, 1988.

THOMPSON. J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

